

## A DIMENSÃO SOCIAL DAS PALAVRAS

Maria Célia Lima-Hernandes

*Os acasos, êxitos ou fracassos, alegrias e pesares  
de todo um povo, refletem-se na língua que ele fala.*

JACQUES CLARET, *A idéia e a forma*

### PARA COMEÇAR, VAMOS FILOSOFAR...

Este texto começa a ser tecido graças ao estoque de palavras que tenho à disposição neste momento. As idéias há muito tempo pairam em minha mente, mas o momento certo para que sejam ditas é este, em conformidade com o discurso atual. Há, contudo, um esquema previamente planejado, baseado nas atitudes mentais do escrevente.

Não se pode negar que atitudes mentais são resultantes de um processo bastante longo de condução, via educação, experiência profissional e também vivência cultural.<sup>1</sup> Ainda assim, é um proces-

1. De acordo com Claret (1979, p. 17), "a educação, o ambiente profissional ou social e o grau de cultura criam em cada indivíduo um nível de língua característico [...]."

so individual que difere do vivido por outras pessoas com trajetória similar, daí a preferência pelo rótulo autocondução, que representa melhor o caminho ímpar seguido, que é o roteiro de ampliação cultural a que pretende se submeter o indivíduo, qual seja, a busca pessoal traduzida em metas.

Cabe muito mais falar, portanto, de uma consciência lingüística que se abraça diariamente às experiências vividas no plano do discurso, uma vez que “a língua obriga a fazer uma opção: dentre todas as possibilidades simultaneamente permitidas pela forma, só uma é realizável temporalmente” (Claret, 1979, p. 27) e, como toda opção, deve ser feita de maneira consciente.

A consciência<sup>2</sup> tem sido evocada em trabalhos de cunho lingüístico como busca de novos caminhos para o tratamento dos dados. Um desses trabalhos é o de Scribner e Cole,<sup>3</sup> que investigaram as consequências da escrita nas capacidades cognitivas de falantes do povo *Vai*, da Libéria:

A língua, enquanto fato social, na sua prática cotidiana, é um traço entre uma série de outros que no conjunto constituem as relações sociais e interpessoais. Parece-me que neste caso seria mais apropriado falar de “consciência” em lugar de “conhecimento”, uma vez que não sabemos em que medida um possível objeto “língua” foi historicamente constituído na cultura dos *Vai* (Scribner & Cole, 1981, apud Gnero, 1998, p. 88).

2. Num viés sociolingüístico, a consciência lingüística denota um fenômeno cujo vínculo maior se verifica na variedade lingüística e no estrato social (Fernández, 1998, p. 182).
3. Scriber e Cole compararam o “conhecimento” metalingüístico dos *Vai* analfabetos em relação ao dos *Vai* não-analfabetos.

É possível encontrar argumentos de mesma base no trabalho de Lima-Hernandes e Ferreira Netto. Esses autores mostram que as interferências decorrentes do contato português-kamaiurá<sup>4</sup> encerram-se, ainda que manifestadas num nível fonológico, no âmbito da consciência:

[...] os dados analisados fornecem indícios de que o grau de fluência está profundamente atrelado ao grau de consciência lingüística do aprendiz. Desse modo, se não há consciência da estrutura da língua aprendida, não há fluência, mas também não pode haver o erro, pois também este depende do grau de consciência. É uma questão polêmica que tem gerado muitas discussões pedagógicas, principalmente na alfabetização de crianças: como dizer que é erro algo que na consciência inexiste? (Lima-Hernandes & Ferreira Netto, 2002, p. 286).

Para chegar a essa idéia de visibilidade e consequente compreensão de alguns fenômenos lingüísticos, o percurso traçado pela evolução do pensamento humano também seguiu roteiro similar de conscientização, como demonstrou Mithen:

A mente moderna é um produto da evolução, não uma criação do sobrenatural. Expus a evidência. [...] Expliquei como surgiu o potencial para fazer ciência, criar arte e acreditar em ideologias religiosas, mesmo não existindo pressões seletivas específicas para essas habilidades abstratas em nenhum momento do nosso passado. Demonstrei que somente podemos entender a natureza da linguagem e da consciência compreendendo a pré-história da mente — começando a lidar com os detalhes dos registros fósseis e arqueológicos. E obser-

4. Os autores fizeram um estudo contrastivo em que buscavam identificar as interferências da gramática do kamaiurá manifestadas na segunda língua aprendida, o português.

vei que o uso da metáfora e da analogia sob vários pretextos é característica mais significativa da mentalidade humana. Somente fui capaz de pensar e escrever sobre a pré-história da mente utilizando duas metáforas neste livro: nosso passado como uma peça de teatro e a mente como catedral (Mithen, 2002, p. 346).

Resta, assim, imergir no passado e, numa atividade “arqueológica” e lingüística, identificar os usos lexicais do passado (nossos registros fósseis) e associá-los com o *modus vivendi* da sociedade da época.

### A IDENTIDADE PELA LINGUAGEM: UMA TRAJETÓRIA DE IMPERTINÊNCIAS

Mesmo com todas as variáveis que atuam na trajetória de cada indivíduo, ainda assim “a língua é uma instituição social de adoção obrigatória a todo indivíduo pertencente a uma mesma comunidade para se fazer entender” (Claret, 1979, p. 32). Nesse sentido, as várias camadas etárias compreendem-se porque integram uma mesma comunidade, num mesmo espaço, num mesmo tempo. A alteração de um desses elementos poderia gerar graus de incompreensão, já que o contexto é parte substancial da mensagem transmitida. Essa constatação é óbvia nos usos mais rotineiros e cotidianos das pessoas, como exemplifica Dell Hymes:

[...] se considerarmos um conjunto de termos que serviriam de resposta a uma questão sobre quais são os tipos de parentes que existem, os termos incluiriam “mãe”, “pai”, “tio”, “tia”, “filho”, “filha” etc. Substituindo um termo, você substituiria um parente. Alguns pares de termos contrastam apenas em relação ao gênero (e.g., mãe:pai etc.). Outros contrastam em termos de geração (e.g., mãe:filha).

Outros, ainda, contrastam em termos que poderiam responder a essa questão; teríamos uma variedade de termos para o mesmo parente (e.g., "mamãe", "mãezinha", "mãe"). Isso nos levaria a outras dimensões, dimensões de significado social que envolvem posturas e situações. Este segundo aspecto envolveria o fato de que a denominação, referência ou identificação de uma pessoa como a mãe de alguém é apenas uma das coisas que esses termos fazem, o que nos levaria a questionar qual é, de fato, para essas pessoas, o conjunto de coisas que esses termos podem denominar (Hymes, 1993, p. 435).

A despeito da simplicidade da pergunta sugerida por Dell Hymes e da pouca estranheza que cause a resposta a qualquer indivíduo, aos olhos de um lingüista bem treinado esse simples conjunto de palavras descortina um mundo infindo de questionamentos, pesquisas e descobertas.

Num viés sociolingüístico, a questão que se apresenta remete à grande dificuldade de se identificarem as variantes, haja vista a quase impossibilidade de determinar o grau de equivalência entre as formas. Esse obstáculo faz com que muitos estudiosos abandonem a idéia de investigar o léxico nesse viés e o resultado disso é que os fatores externos ou variáveis sociais têm sido descartados, quando, na verdade, constituem-se ferramentas interessantes para se observarem os deslizamentos semânticos que se traduzem na observação histórica das palavras (cf. Fernández, 1998).

### Implicações sociais

Embora se tenha a sensação de que tudo começa com o nascimento e termina com a morte, entre um evento e outro muitas alterações sociais são concebidas e repassadas adiante. Em consequência, camadas sociais emergem do silenciamento, de forma contínua,

e ganham visibilidade. Desse modo, uma camada que não reivindica não “existe” socialmente, e sua linguagem não revela seu valor social. Assim, a “luta” social é mola propulsora de mudanças.

O interessante é que as camadas continuamente emergentes incorporam os usos já existentes para a comunicação diária e, intrigantemente, quando inovam o fazem de forma maciça por meio de velhas palavras numa nova roupagem semântica. Não há ineditismo nesse processo, mas a sensação de novidade é o que funciona como o visgo que ligará cada camada emergente. De acordo com Claret (1979, p. 54), isso ocorre com freqüência também no plano das idéias: “[...] muitas vezes, devemos reconhecer que uma idéia nova, da qual cremos ser o autor, não passa de uma idéia remodelada por nós, sob a influência de uma situação nova”. Alguns eventos sociais podem ilustrar essas afirmações, por meio de uma segmentação didática em fatores.

#### *a) fator idade*

Na década de 1950,<sup>5</sup> crianças não eram o centro da família e não ocupavam de forma reivindicatória seu espaço. Como consequência, foram submetidas a ações silenciadoras, como sair da sala quando a família recebia visitas, ou ir “brincar lá fora” quando a conversa tinha por tópico o “proibido” para a faixa etária ou, ainda, não ser ratificada<sup>6</sup> em conversa informal num grupo de pessoas.

5. Muitas idosas relatam o fato de bebês nascerem de olhos fechados e assim permanecerem por dias. Após a assepsia normal, o bebê era enrolado em tecidos, e seus braços e pernas ficavam imobilizados, por tradição. Há também relatos sobre um tempo de espera antes que se fizesse o registro de nascimento da criança, para ter a certeza de que ela “vingaria”. O índice de mortalidade infantil era muito acentuado até meados do século XX.

6. Termo empregado no sentido comum aos pesquisadores da área denominada *Análise da Conversação*: dirigir a atenção para, olhar em direção a interlocutor específico a despeito dos demais ouvintes.

Hoje, a criança é centro de preocupação na família, opina em muitas situações, escolhe o que vestir, o que comer e, muitas vezes, onde estudar. Ganhou espaços para brincar nos supermercados, nos shoppings e passou a ter visibilidade na sociedade, de modo que essa mudança de comportamento gerou novos hábitos na família, tais como fomentar a prática de atividades de integração social, como esportes, o estudo de línguas e até a freqüência escolar numa idade cada vez mais tenra.

Outro exemplo é a recente emergência da camada dos "já não crianças, ainda não adolescentes", os pré-adolescentes, que ocupam mais e mais espaço na sociedade, com direito amplo de participar e contribuir com a dinamicidade mais acentuada de usos linguísticos, como relata Ariel Kostman:

Criança, não senhor — pré-adolescente. A meninada de 8 a 12 anos vive e consome feito gente grande. E ainda ensina os pais a lidar com o computador. [...] Os tweens, abreviação da palavra between (entre, em inglês) e trocadilho com teens (adolescentes). Deparamos aqui com um fenômeno de força e amplitude ainda pouco analisadas, de um tipo que não se via desde a "invenção" dos adolescentes, na década de 50. Naquela época, empurrada pelo rock e pelos filmes de Hollywood, a garotada do ginásio e do colegial começou a assumir um inédito controle de sua vida e de suas atitudes — e, claro, se rebelar. [...] Algo semelhante acontece agora, com menos traumas, em relação aos tweens (Kostman, *Veja*, fevereiro de 2003).

Nessa matéria sobre o comportamento dos tweens, ou pré-adolescentes, Kostman apresenta os resultados da pesquisa efetuada pela empresa de brinquedos Estrela, que tinha por finalidade traçar o perfil desse novo segmento do mercado:

- detestam ser chamados de crianças. Definem-se como pré-adolescentes;
- rejeitam produtos caracterizados como infantis;
- são muito bem informados e consumistas;
- têm grande coordenação motora e são muito curiosos;
- gostam de colecionar e classificar tudo;
- identificam marcas e relacionam grife a qualidade;
- não mais enxergam os pais como heróis;
- dão grande importância à turma (tribo);
- ditam moda para os mais novos;
- são muito volúveis, buscam sempre produtos novos.

E, em nome das novas necessidades, muitas revistas<sup>7</sup> foram lançadas no mercado editorial e as palavras acompanharam, com o tom de novidade. E as leitoras começam a se identificar como *patricinhas* (depreciativo — alienada, esbanjadora) > *pattys* (estilo de vida de quem segue a moda e respeita a natureza — ativista, integrada):

Ela e as amigas, colegas de escola, assumem o lado patricinha. [...] O que deixa uma patty chateadas [sic] é receber críticas de pessoas que nem as conhecem (*Smack*, novembro de 2003, p. 33).

A palavra *patricinha* surge no cenário jovem como um termo depreciativo, que identifica a garota alienada e esbanjadora. E, nesse sentido, era qualidade indesejada por quase toda garota.

#### *Tiro de traçante*

*No circuito da noite maurícios e patrícias*

7. A referência é feita às revistas *Atrevida*, *Todateen*, *7 dias com você*, *Capricho*, *Minha Paixão* e *Smack*, consultadas nas edições de novembro de 2003.

*Seguidores da onda iludidos da vida  
Eu estava cansado procurei uma saída  
Porque a noite muda, ela não se recicla*

(Charlie Brown Jr., "Não fure os olhos da verdade", in *Bocas ordinárias*)

Com o tempo, passou a identificar o oposto: a engajada, aquela que segue a moda e respeita a natureza, o modelo de menina que serve de espelho para as demais — as *pattys*.

O mesmo se dá com a expressão *o mala* — anteriormente “mala-sem-alças” — pessoa que muitas vezes *não está nem aí*, mas que quando resolve *tirar uma* e *azarar uma mina*, acaba *pagando mico*. São as expressões de gíria denunciando os jovens de determinada época.

Procedendo a um levantamento de usos junto a estudantes do ensino fundamental da rede pública, e habitantes da periferia da Zona Oeste de São Paulo, encontramos os seguintes termos como altamente recorrentes em outubro de 2000:

|                 |                   |                |   |                      |  |
|-----------------|-------------------|----------------|---|----------------------|--|
| bater uma chepa | — almoçar         | mané           | — mulher de malandro                      | teco teco de caô caô | — levare-traz  |
| boiola          | — rapaz efeminado | mano           | — colega                                  | trincar              | — pagar ou emprestar                                   |
| catar           | — namorar         | na(s) brisa(s) | — quando usa drogas                       | truta                | — colega   |
| da hora         | — coisa boa       | na nôia        | — estado em consequência do uso de drogas | viajar na maionese   | — falar coisa que não tem sentido ou fato improcedente |
| ficar na miúda  | — calar a boca    | rato cinza     | — polícia                                 |                      |  |
| fita            | — correria        | registrando    | — olhando                                 |                      |  |
| irada           | — coisa boa       | sangue bom     | — pessoa legal                            |                      |  |
| isqueirinho     | — fofoqueiro      |                |   |                      |  |
| laricas         | — fome tremenda   |                |   |                      |  |

Em novembro de 2000, o *Jornal da Tarde* apresentou matéria (“O vocabulário dos manos”) sobre a linguagem utilizada pelos jovens, ratificando muitos desses usos anteriormente listados, como recorrentes independentemente da região geográfica em São Paulo. Esses usos são reproduzidos a seguir.

|  |  |
|--|--|
| aviāozinho — vendedor de ponto de drogas   | só come coxinha com guaraná e não paga")                           |
| bagulho — serve para tudo; lembra o termo "trem", usado em Minas   | gambé — idem   |
| bad-boy — policial do COE  | geninho — intelectual; pessoa que gosta de ler                     |
| bola-de-meia — é o ladrão disfarçado, que "fica na moral" (tem um emprego) e quando dá o golpe faz seu pé-de-meia e desaparece de circulação | mano — vem do inglês brother; designa pessoas conhecidas, próximas |
| come-carniça — policial  | maluco periculoso — "é bandido que mata só para ver o tombo"       |
| coxinha — idem ("a polícia   | mil grau — aquele que "segura e não solta"; gente boa.             |
|  | noiado/nóia — bandido "fraguinho"; rouba para cheirar cocaína      |
|  | pai Tomás — pessoa não confiável                                   |
|  | patrão — banqueiro de drogas                                       |
|  | rato cinza — policial  |
|  | rato marrom — idem   |
|  | traíra — pessoa não confiável; delator                             |
|  | trairagem — não é firme naquilo que fala                           |
|  | urubu — policial   |

Esses termos, muitas vezes, são associados a pessoas da "periferia" que, em grande parte, são discriminadas na região em que moram. Os que discriminam associam esse linguajar ao uso de drogas, ao baixo desempenho escolar e à desocupação profissional. Tais características agregam estigma aos termos e aos falantes, que são repelidos por jovens de outras classes sociais e pela sociedade como um todo. Daí a efemeridade de alguns termos: restrições sociais.

Em contrapartida, algumas palavras resistem ao tempo mesmo quando não se esvaziam de seu sentido original. Numa discoteca moderna, ainda hoje é possível perguntar ao porteiro ou ao garçom onde fica a *chapelaria*. Seguramente haverá uma para que o cliente guarde seus objetos pessoais. Raramente, entretanto, haverá um chapéu naquele recinto. O mesmo se dá com a venda de um automóvel de último tipo: "há um porta-luvas logo abaixo do painel!", mesmo que não seja comum guardar luvas ali. As meninas ainda ficam "mocinhas",\* mas a referência é sempre feita no círculo de mulheres adultas, porque a referência é uma tradição no círculo feminino de amigas. As moças de mesma idade perguntam-se: "já veio para você?", e nenhuma jamais perguntaria: "quem?". Hoje em

\* Expressão mais usual na adolescência antiga é "ficar ou estar de chico".

dia, as meninas-moças não acreditam mais em “história de cegonha” ou “rezar para Jesus mandar o bebê”,<sup>8</sup> ou, ainda, num formato mais recente, “estar em estado interessante”, ainda que compreendam a razão de um uso como esse na boca de pessoas mais velhas. Provavelmente essas pessoas mais idosas zelam para que suas netas sejam “meninas de família” e que nunca se transformem em “mulheres da vida”.<sup>9</sup>

Assim, as expressões e as palavras denunciam uma época, que remete aos usos de um falante de determinada faixa etária. À adequação da linguagem é feita uma alusão no texto de Walcyr Carrasco:

Errar, tudo bem. O problema é deixar o erro seguir em frente. Mesmo um texto correto corre riscos. Quem lê muitas vezes nem sequer presta atenção. Nunca vou esquecer o que aconteceu numa novela de época. A história se passava durante a Abolição da escravatura. Lá pelas tantas, o vilão dizia:

— Chutei o balde!

Mas o ator interpretou, de boca cheia:

— Chutei o pau da barraca!

Foi ao ar. Vários jornais fizeram piada. Como usar essa expressão no século passado? O sapo ficou para o autor (Carrasco, *Veja*, abril de 1998).

#### *b) fator sexo*

Na década de 1920, era comum que a educação feminina incluísse o domínio dos afazeres domésticos ou prendas domésticas, tais

8. Exemplos coletados durante discussão sobre a “época de sua juventude”, entre colegas de trabalho.

9. Expressões cotidianas das décadas de 1950 e 1960, e ainda presentes na fala dos mais velhos.

como costura e bordado, dentre outras habilidades desejáveis, especialmente a paciência e a docilidade pertinentes a uma futura esposa perfeita, tal como demonstrado no "Decálogo da esposa", publicado na revista *Feminina*, em outubro de 1924:

- I — Ama teu esposo acima de tudo na terra e ama o teu esposo da melhor forma que puderdes; mas lembra-te de que a tua casa é teu esposo e não teu próximo;
- II — Trata teu esposo como um precioso amigo; como a um hóspede de grande consideração e nunca como uma amiga a quem te contam as pequenas contrariedades da vida;
- III — Espera teu esposo com teu lar sempre em ordem e o semblante riso-ho; mas não te aflijas excessivamente se alguma vez ele não reparar nisso;
- IV — Não lhe peças o supérfluo para o teu lar; pede-lhe sim, caso possas, uma casa alegre e um pouco de espaço tranquilo para as crianças;
- V — Que teus filhos sejam sempre bem-arrumados e limpos; que ele ao vê-los assim possa sorrir satisfeito e que essa satisfação o faça sorrir quando se lembre dos seus, em estando ausente;
- VI — Lembra-te sempre que te casaste para partilhar com teu esposo as alegrias e as tristezas da existência. Quando todos o abandonam fica tu a seu lado e diz-lhe: Aqui me tens! Sou sempre a mesma;
- VII — Se teu esposo possuir a ventura de ter sua mãe viva, seja boa para com ela pensando em todas as noites de aflição que terá passado para protegê-lo na infância, formando o coração que um dia havia de ser teu;
- VIII — Não peças à vida o que ela nunca deu para ninguém. Pensa antes que se fores útil poderás ser feliz;
- IX — Quando as mágoas chegarem não te acovardes: luta! Luta e espera na certeza de que os dias de sol voltarão;
- X — Se teu esposo se afastar de ti, espera-o. Se tarda em voltar, espera-o; ainda mesmo que te abandone, espere-o! Porque tu não és somente a sua esposa; és ainda a honra do seu nome. E quando um dia ele voltar, há de abençoar-te.

Ainda nessa época, as mulheres não “deveriam” trabalhar fora,<sup>10</sup> pois eram predestinadas à marca “do lar”, o que lhes permitia cumprir obrigações domésticas, dentre as quais “pilotar o fogão”:

Qualquer outra atividade feminina que não fosse a de mãe e esposa, realizada no aconchego do lar, passou a ser entendida como subordinada, acessória e desviante. O trabalho externo feminino provocava indignação dos médicos, revestida, na maior parte das vezes, de preocupações morais (Matos, 2003, p. 112).

Dessa maneira, passar de legalmente dependente do pai<sup>11</sup> a legalmente dependente do marido, como um objeto possuído, era o trivial, ainda que, em muitos lares, fosse a mulher a responsável pelo sustento da família.<sup>12</sup>

Na década de 1930, no Brasil, mulheres passam a votar<sup>13</sup> e também passam a ter o direito de amamentar seus bebês sem que

10. Reflexo dessa concepção era o artigo 240, do Antigo Código Civil Brasileiro: “A mulher, com o casamento, assume a condição de companheira, consorte e colaboradora do marido nos encargos da família, cumprindo-lhe velar pela direção material e moral desta” (Lei 3.071, de 1º de janeiro de 1916).

11. “O marido é o chefe da sociedade conjugal, função que exerce com a colaboração da mulher, no interesse comum do casal e dos filhos” (artigo 233, do Antigo Código Civil Brasileiro, de 1916).

12. Na década de 1960, muitos homens preferiam se casar com professoras, atividade que rendia um bom salário na época, além de prestígio social. Muitos eram chamados de *chuipim*, por não trabalharem. Tal rótulo era uma remissão ao pássaro de mesmo nome, que bota ovos no ninho do tico-tico para que este crie seu filho. Metaforicamente, o homem (o mais forte, o maior) fazia o mesmo. Perante a lei, contudo, cabia ao homem sustentar a mulher: “A obrigação de sustentar a mulher cessa, para o marido, quando ela abandona sem justo motivo a habitação conjugal, e a esta recusa voltar. Neste caso o juiz pode, segundo as circunstâncias, ordenar, em proveito do marido e dos filhos, o seqüestro temporário de parte dos rendimentos particulares da mulher” (Antigo Código Civil, artigo 234, Lei 3.071, de 1º de janeiro de 1916).

13. Em 24 de fevereiro de 1932, Getúlio Vargas concede direito de voto à mulher por meio de decreto.

sejam demitidas.<sup>14</sup> Passaram, assim, a ocupar algumas funções sociais<sup>15</sup> e até puderam ter alguns direitos semelhantes aos dos homens. Essas mudanças sociais produziram inovações<sup>16</sup> lingüísticas, marcadas na fala das pessoas.

Na década de 1970 a emancipação feminina tornou-se fato, ainda que a luta tenha começado muito antes. Com a busca da igualdade, as mulheres alcançaram algumas vitórias, cujos reflexos não foram instantâneos. Nos Estados Unidos e em alguns países da Europa, as mulheres queimavam sutiãs nas ruas como forma de protesto pelos desmandos masculinos, que se refletiam em salários desiguais para funções idênticas. Aqui no Brasil sempre passaram despercebidos aos olhos da lei os assassinatos de mulheres, devidos à suposta infidelidade conjugal. E a explicação de “lavar a honra” era tacitamente aceita.

Também muito comum foi a anulação de casamentos calcada numa suposta não-virgindade.<sup>17</sup> Assim, mesmo que em 1988 a Carta Magna do País — a Constituição Federal — tenha conferido direitos iguais para homens e mulheres, a não-virgindade só deixou de ser motivo para anulação de casamentos em 2003:

14. Somente em 17 de maio de 1932, as mulheres passam a ter direito a doze semanas de licença-maternidade.

15. Em novembro de 1933, Carlota Percira de Queirós integra os trabalhos da Constituinte, como única deputada mulher eleita por São Paulo.

16. Como Milroy (1993), fazemos a distinção entre *mudança* e *inovação* lingüística: “As for linguistic change, the speaker/system distinction leads immediately to an associated distinction — the distinction between speaker *innovation*, on the one hand, and linguistic *change*, on the other. Innovation and change are not conceptually the same thing: an innovation is an act of the speaker, whereas a change is manifested *within* the language system. It is speakers, not languages, that innovate” (p. 221).

17. Conforme texto do Antigo Código Civil Brasileiro: “Artigo 178 – Prescreve § 1º: Em dez dias, contados do casamento, a ação do marido para anular o matrimônio contraído com mulher já deflorada (arts. 218, 219, n. IV, e 220)”.

Segundo a legislação vigente, no prazo de dez dias após o matrimônio, o marido pode pedir anulação de casamento, sob o argumento de que desconheça o fato de sua mulher não ser virgem. Isso é considerado “erro essencial sobre a pessoa do outro cônjuge”.

O prazo de dez dias para a apresentação da ação é concedido pela lei para que os peritos possam verificar se a mulher era ou não virgem quando se casou.

Especialistas em medicina legal dizem que muitas injustiças foram cometidas em relação à anulação de casamentos, principalmente porque, segundo eles, é comum o rompimento do hímen sem ter havido relação sexual.

Apesar de a Constituição de 1988 ter igualado homens e mulheres perante a lei, alguns dos maiores especialistas em direito civil brasileiro não questionam a vigência do dispositivo que permite a anulação do casamento por “defloramento da mulher ignorado pelo marido” (*Cosso, Folha de S.Paulo*, novembro de 2003).

Em 2000, o padrão tradicional de formação da família ainda predomina (55,4%), contudo 12,6% das mulheres passam a assumir a direção da casa, incluindo aí o sustento dos filhos, especialmente nos grandes centros urbanos (cf. *Época*, maio de 2003).

Até hoje, início do século XXI, continua um tanto estranho que a mulher tome a atitude de paquerar o homem ou de convidá-lo para algum *programa*. Essa é uma competência masculina na sociedade. Isso ocorre pelo fato de a atitude individual, manifestada linguisticamente, ser resultante de uma série de elementos que se imbricam (crenças, conhecimentos e tendência comportamental) com vistas a uma situação sociolinguística (cf. Fernández, 1998). O relato de Rachel de Queiroz nos deixa ver que a herança desse preconceito vem de longe:

Quando eu era menina, e isso, ai de mim, já faz tempo, as feministas ainda eram ridicularizadas pelas suas investidas no território masculino; formavam-se em medicina, direito e até engenharia. Ou, pelo menos, se iniciavam nesses cursos, onde, para grande despeito dos colegas, quase sempre ocupavam os primeiros lugares. Eram sempre as moças menos bonitas que se empenhavam nessas competições. As bonitas escolhiam como carreira o amor, noivado, casamento, família. Trabalhar, só mulher feia, de óculos. Pois, nesse tempo, usar óculos era quase uma marca de ridículo. Lembro que passei uma noite chorando, aos 15 anos, quando o médico me decretou o uso constante deles: então, só homens os usavam abertamente. [...]

Mas o tempo passou; aos poucos, usar óculos deixou de ser estigma. E tive, ainda, o recurso de simular que os meus, de miopia, podiam ser simplesmente escuros — bastava mandar escurecer os vidros de grau. E óculos escuros eram dignos, pareciam até coisa de estrela de cinema. [...]

Quando apareceram as lentes de contato, foi um alvoroço. Mas eu, que conhecia bem o grau da minha deficiência visual, não me entusiasmei (*Rachel de Queiroz, O Estado de S. Paulo*, s. d.).

### c) fator raça

Já na marcação da diferença étnica há o uso de palavras diversas que aparentemente indicam o mesmo sentido. Que dizer das diferenças marcadas, no decorrer dos anos, pelo emprego de alguma das seguintes formas: cabra, fusco, caboclo, negro, nego, preto, crioulo, pardo, caiado, fulo, tisiu, negão, tisnado? Alguns desses termos apareceram em registros oficiais, documentos pessoais e, até mesmo, em anúncios de jornais:

Que diferença haveria entre eles? A que se prestariam socialmente? Para sociolinguistas, a proliferação de formas para uma (aparente) função única basta como evidência de que fatores sociais condicionam usos lingüísticos. Essa constatação também dirige pressupostos metodológicos: estratégias devem ser traçadas de modo que o lingüista mantenha a neutralidade diante de questões tão delicadas para as comunidades de fala, tais como a estigmatização e o preconceito.

A atuação de fatores externos para a opção de uso de cada um desses termos desnudaria muito preconceito, sim, mas também uma história de exclusão social, pois em cada uma dessas palavras estão acobertadas as diferenças étnicas, reveladas parcialmente nos textos em que aparecem:

*Todo brasileiro poderá dizer: é assim que eu quero o Brasil,  
todo brasileiro e não apenas o bacharel ou o doutor,  
o preto, o pardo, o roxo e não apenas o branco e o semibranco.  
Qualquer brasileiro poderá governar esse Brasil  
lenhador  
lavrador  
pescador  
vaqueiro  
marinheiro  
funileiro  
carpinteiro  
Contanto que seja digno do governo do Brasil  
que tenha olhos para ver pelo Brasil  
ouvidos para ouvir pelo Brasil  
coragem para morrer pelo Brasil  
ânimo para viver pelo Brasil.*

(Gilberto Freyre, *O outro Brasil que vem aí*, 1926)

Silenciar essas diferenças nos discursos não parece ser o caminho mais apropriado para sua compreensão. Apurar a dimensão social desses usos propiciaria a apreensão de seu significado, como sugere Lima:

[...] a primeira operação consiste em alargar o conjunto desses signos, isto é, não empobrecer o léxico tão profuso de designações raciais que de alguma forma é uma marca cultural daquela história. Trata-se de um inventário de designações. A segunda operação consiste em velar pela sua variação histórica. Nenhuma designação racial tem um sentido trans-histórico ou invariável. Como terceiro passo, deve-se procurar o envolvimento com o próprio contexto histórico. Toda forma de denotar carrega um conjunto de objetivos, de interesses, de usos e finalidades, que obedece tanto a lógicas variáveis segundo o sujeito que profere o discurso — uma conversa informal e privada, as diversas instâncias da justiça, o censo populacional, o exercício da disciplina etc. — como ao próprio contexto histórico vivenciado (Lima, 2003, p. 32).

Isto é fato: houve uma revolução silenciosa e silenciadora. A exclusão foi silenciadora do mesmo modo que foi silencioso o movimento reivindicatório. O movimento dos negros gerou mudanças sociais substanciais, como a criação de lei contra discriminação, o acesso gradativo a empregos que outrora, até meados da década de 1980, eram interditados. A barreira mostrava-se nos anúncios por meio da inclusão da expressão “homem branco”, sinalizadora de um interdito a qualquer outro grupo étnico.

#### FRESADOR

Precisa-se de homem, branco, até 30 anos, de boa aparência, para atuar em metalúrgica de médio porte. Telefonar para 22-5576. Falar com Sidnei.

Após a criação de lei determinando pena inafiançável para quem demonstrasse preconceito contra negros,<sup>18</sup> tornou-se incomum o uso da expressão “de cor” por ser considerada politicamente incorreta.

[...] o clássico anúncio do requisito de “boa aparência” nos classificados de emprego, esconde o objetivo maior: a rejeição aos negros, definidos de acordo com a tonalidade de sua cor, textura de cabelo. Quanto mais distante do padrão europeu de aparência, menores são as oportunidades no sistema educacional e no mercado de trabalho, como também indicam inúmeras pesquisas sociais a esse respeito (Praxedes, 2003).

Como resultado da atitude<sup>19</sup> de valorização do negro, presenciou-se a ostentação de elementos africanos na linguagem da comunidade, e algumas atitudes passaram a ser freqüentes: o uso do cabelo trançado, não admissão de brancos nos grupos de negros, lançamento de revistas exclusivas para essa comunidade,<sup>20</sup> produtos estéticos (maquiagem, xampu) e, entre outros, também salão de beleza “black” ou afro etc.

Na música, o movimento foi mais amplo. Com repercussão internacional, tem-se Chico César, com o quinto CD de sua carreira, *Respeitem os meus cabelos, brancos*, em cujo encarte há a seguinte explicação:

18. “XLII — a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei” (Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988).

19. Essa atitude (social) reflete-se também na frente lingüística: “La actitud lingüística es una manifestación de la actitud social de los individuos, distinguida por centrarse y referirse específicamente tanto a la lengua como al uso que de ella se hace en sociedad, y al hablar de ‘lengua’ incluimos cualquier tipo de variedad lingüística: actitudes hacia estilos diferentes, sociolectos diferentes, dialectos diferentes o lenguas naturales diferentes” (Fernández, 1998, pp. 179-80).

20. Dentre as quais, cito a revista *Raça*.

Quando digo “Respeitem meus cabelos, brancos” não falo só de mim nem quero dizer só isso. Debaixo dos cabelos, o homem como metáfora. A raça. A geração. A pessoa e suas idéias. A luta para manter-se de pé e mantê-las, as idéias flecheiras, é como se alguém dissesse “respeitem minha particularidade”. É o que eu digo, como artista brasileiro nordestino descendente de negros e índios. Ou ainda no plural: minhas particularidades mutantes. Fala-se em tolerância. Pois não é disso que se trata. Trata-se de respeito.

O que pretende o músico afirmar se não a identidade étnica? Para tanto, mobiliza estruturas lingüísticas como ferramentas que veiculam o derradeiro enlace concretizado entre identidade e consciência. Em outras palavras, o grito retido por anos agora ecoa: respeitem minha origem, minha cor, minha música. Respeitem-me, enfim.

Esse mesmo grito ecoa no movimento da comunidade negra. Por conta desse movimento e da visibilidade social auferida, o Dia da Consciência Negra passou a ser comemorado todo 20 de novembro, data de aniversário da morte do líder dos escravos do século XVII, Zumbi dos Palmares. Em alguns municípios, tornou-se feriado e, em outros, ponto facultativo.

Também deriva do movimento negro no Brasil a cota de vagas reservadas em universidades públicas para negros e descendentes afros. É uma temática ainda polêmica, por isso mesmo ainda não assentada totalmente na sociedade.

No Brasil, a aplicação de critérios de ações afirmativas por universidades públicas também está sendo contestada na maior corte do país, o STF (Supremo Tribunal Federal).

O órgão vai julgar se a reserva de vagas no vestibular das duas universidades estaduais do Rio para alunos negros, pardos e de escolas

públícas é constitucional. A ação, movida pela CONFENEN (Confederação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino), não tem data para ser julgada. No vestibular do ano passado, uma lei estadual criou uma cota de 40% das vagas para negros e pardos e de 50% para estudantes da rede pública na UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) e na uenf (Universidade Estadual do Norte Fluminense) (*Folha Online*, Educação, 24 de junho de 2003).

O ataque às cotas tem partido de intelectuais, juristas, advogados e de estudantes brancos, sobretudo, que, alegando prejuízo por terem obtido notas superiores às de estudantes beneficiados pela lei de reservas, ingressaram na Justiça contestando o sistema, por terem ficado de fora da universidade (Capelas & Alencar, 2003).

De acordo com Silva (2003), que volta suas críticas à paralisia inoperante dos grupos ditos educadores, não se pode mais aceitar a inércia da massa educadora brasileira. Para o autor, deve-se, em qualquer nível de ensino, independentemente de cor, ascendência, entre outros aspectos, recusar a reprodução de argumentos assentados em forma de bordões, jargões e frases de efeito. Deve-se, com muita justeza, “adotar uma postura crítica em relação aos problemas sociais, seja para refletir sobre os anseios de mudanças conjunturais por meio de uma prática pedagógica solidária, democrática e responsável” (p. 33), seja para contribuir para que reivindicações similares dos ditos povos “amarelos”, “vermelhos” ou “pardos” possam se tornar realidade.

#### *d) fator tecnológico*

Certamente, o grande avanço alcançado pelas máquinas de escrever elétricas não lhes conferiu sucesso duradouro como sucedeu com a

máquina de escrever mecânica, pois a velocidade das descobertas acentuou o ritmo das inovações e trouxe rapidamente a fase eletrônica. Na língua, o registro de algumas inovações pode ser visto em: datilografar/digitar; apagar/deletar; fazer cópia/salvar; printar; arquivar/becapear; radiola/vitrola/toca-disco/aparelho de som/disc-laser; LP/disco/CD; videocassete/DVD; mimeografar/xerocopiar/escanear, entre outras inovações tecnológicas que afligem os mais idosos.

Nos lares brasileiros, as mudanças de hábitos também se operaram: ferro à brasa, ferro elétrico; forno à lenha, forno a gás, forno elétrico, forno de microondas; fazer touca/escova/chapinha. As palavras são modeladas geração após geração e podem revelar a experiência cultural adquirida por uma coletividade, de uma dada época.

Vocês que têm mais de 15 anos se lembram quando a gente comprava leite em garrafa, na leiteria da esquina? [...] Mas vocês não se lembram de nada, pô! Vai ver nem sabem o que é vaca. Nem o que é leite. Estou falando isso porque agora mesmo peguei um pacote de leite [...] na porta dos fundos e estava escrito que é pasterizado, ou pasteurizado, sei lá, tem vitamina, é garantido pela embromatologia, foi enriquecido e o escambau. [...] Será que isso é mesmo leite?

Esse aqui, examinando bem, é só pra botar fora. Tem chumbo, tem benzina, tem mais água do que leite, tem serragem, sou capaz de jurar que nem vaca tem por trás desse negócio (Millôr Fernandes, *O Estado de S. Paulo*, agosto de 1999).

As funções alteram-se, alteram-se as relações pessoais. Quem, no início da década de 1970, poderia supor a importância que o metrô teria hoje, com tantas linhas para o centro metropolitano? Ao se reordenar o sistema de transportes, minaram-se as distâncias sociais, áreas interditadas passaram a acessíveis (ainda que às vezes só para ver) e as palavras registraram esse momento.

O desenvolvimento das línguas vivas é estimulado pela evolução do pensamento e o progresso nas ciências, artes e da técnica, que requerem um vocabulário cada vez mais vasto, conforme a capacidade dos povos que deles usam (Pinto, 1957, p. 153).

Fenômeno similar ocorreu com as correspondências pessoais. É incomum encontrar adolescentes que escrevam e recebam cartas. Tornou-se comum a carta eletrônica – o *e-mail* – que, para marcar sua diferença, inclui um linguajar específico e incompreensível para muitos leitores. O uso de *blz* como forma de cumprimento, a inserção de *emoticons* — que são códigos de amizade — em fechos. Eis alguns deles:

|      |                              |       |                     |      |                     |
|------|------------------------------|-------|---------------------|------|---------------------|
| :)   | sorrir                       | :O    | de boca aberta      | B)   | usando óculos       |
| :**: | beijo na boca                | >:-)  | sorriso malicioso   | =:-) | cara de coelho!     |
| :D   | dar gargalhadas              | ;*    | um beijo!           | O:)  | anjo                |
|      |                              | (:    | carrancudo!         | <:-) | seu burro!          |
| :*)  | resfriado                    | :P    | mostrando a língua! | Brb  | já voltou!          |
| :"(  | chorar                       | ):=   | fumante ou          | LOL  | se partindo de rir! |
| :)   | piscar                       |       | pitchorador         | OTFL | rolando de rir!     |
|      |                              | :<>== | legalize it!        | afk  | afastado do teclado |
| :X   | meus lábios estão<br>selados | {}    | abraço              | :Q   | com nojo ou enojado |
|      |                              | []    | abraço forte!       |      |                     |

Nos bate-papos, não mais presenciais, o uso de superprefixação, denotando exagero ou intensificação, também se tornaram recorrentes, como demonstra Nogueira em sua pesquisa:

E OUTRA c vc Paola ler fike sabendo q eu ainda to MTO!MTO!MTO! d kara!!! e vou continuar vc sabe q eu n gosto dakilo e qnd eh com vc, vc fika super hiper mega ultra puxa brava comigo entaum eh minha vez to super super d cara... e n venha com a historia d q c vc morrer eu vou fikar mal pro

resto da vida... HAHAHA ateh pq isso jah podia ter acontecido inúmeras vezes e n aconteceu n venha quer colocar a culpa em mim" (<http://www.maisumblogsemgracabybazinha.weblogger.terra.com.br>, apud Nogueira, 2003).

O relato comumente feito em diários escritos por adolescentes não escapa aos caprichos de um mundo virtual. Surgem os *blogs*, prestando-se a função similar. E assim vão os *plugados* incluindo os relatos de suas rotinas diárias para sua *tribo* em seus *blogs*. Esses usuários, agora internautas, perguntam-se, a despeito de tudo, o que seria essa tal de inteligência virtual.

#### e) fator geográfico

Qual a relevância, para os centros urbanos, da reunião de pessoas em torno de um contador de causos quando existem páginas de internet destinadas ao bate-papo? O bate-papo assume nova dimensão, e o namoro pode ser à distância. Em consequência, o travamento de amizades não respeita os limites da distância corporal, e a língua deixa de ser barreira.

Além disso, os jovens já não se prendem aos mais velhos somente pela narrativa, têm à disposição a imagem, anteriormente imaginada, agora em forma de filmes em terceira dimensão. Deslocam-se ao cinema, que também teve seus endereços alterados. Da rua, onde ainda existem os poucos resistentes, para os shopping centers ou somente shoppings.

Em São Paulo, alguns bairros mudaram sua característica no século XX. A Mooca, que abrigava majoritariamente imigrantes italianos, agora tem apresentado alteração nesse perfil de morador. O Brás, na década de 1970, um bairro de judeus e nordestinos, hoje é bairro de coreanos e gregos. O Bom Retiro, que mantinha os judeus protegidos dos contatos, hoje se remodela com a camada nordestina

da cidade. A Liberdade continua um bairro de japoneses, cada vez menos japoneses, mas ainda predominantes na região. O Centro da cidade de São Paulo, do final da década de 1970 até início da de 1990, era, em suas ruas movimentadas, o refúgio de trombadinhas e assaltantes. Lourenço Diafária registrou em seu texto uma fotografia da linguagem utilizada por esses habitantes do Centro:

A matula diz que penso muito, cismo. Nem por isso nunca morri de fome. Também não me importa ter de dormir embaixo de ponte, cachorro lambendo a boca da gente. Não existe nada mais maternal do que marquise de prédio. Mas isso é pros desvalidos, caras sem madureza que desembarcam na rodoviária e já vão entrando pelo cano da cidade e pelos bueiros da vida. Gente que não se vira, sonhando que aqui a bôia e o grude são servidos no buçal.

[...] Vou ao mercadão, afano uma maçã argentina, mando com casca e tudo; se é tempo de pêra, vou de pêra; e se é estação de abacaxi, não pergunto se é ananás. Época de pêssego, compro uma caixa, vendo duas; compro duas, vendo cinco. Levanto numerário pruma calça de brim na Vinte e Cinco de Março em qualquer salim. Água não falta, torneiral. Pisante, dispenso; prefiro tênis: afina o pé, dá torque e deslanche. Ai do amofinado que não aprende a correr nestas artérias. Têm truques. A Rua Direita não recomendo, é rua de duas mãos, estreita e sem visão. O Viaduto do Chá foi bom, hoje está manjado (Diafária, in *Novos contistas*, 1977).

A novidade da expressão “prefiro tênis” somente pode ser captada em toda sua extensão por leitores que tenham nascido em período anterior à década de 1960, pois até uma década depois ainda não era tão popular o uso do tênis nas ruas. Era um calçado destinado mais adequadamente ao esporte. Hoje, não há essa res-

trição de uso, uma vez que já se reconhece a combinação dele inclusive com terno,<sup>21</sup> por exemplo.

Hoje, o Centro de São Paulo vai, aos poucos, se adaptando aos projetos municipais de revitalização, que deixarão suas marcas lingüísticas, por certo.

O *Atlas lingüístico do estado do Ceará* mostra que informantes analfabetos e alfabetizados respondem de forma diferente à mesma pergunta: “O que é que faz com que as plantas amanheçam molhadas sem ter chovido à noite?”.

Analfabetos

frieza, frieza da noite, garoa,  
librina da noite, orvalho, sereno,  
noite, sereno da noite

Alfabetizados

garoa, neblina, neve, orvalho, orvalho  
da noite, sereno da noite

Já no *Atlas lingüístico-etnográfico da Região Sul* figuram os termos *arco da velha*, *cuitelo* (beija-flor) e *maldita* (furúnculo), entre outros. E qual a relevância desses atlas? De acordo com Brandão (1991, p. 74), são justamente os atlas lingüísticos uma espécie de fotografia “de um estádio da língua, num determinado momento de sua evolução, num espaço geográfico”, razão por que se revelam de suma importância não somente sincrônica, mas ainda diacronicamente.

Apesar das aproximações de programação compartilhada pela televisão, pelas redes de ligações da internet, pelos cabos telefônicos e pelas ondas por satélites, os caipiras, os cariocas, os paulistanos, os mineiros, os soteropolitanos, os capixabas, os gaúchos, os cangangos etc. continuam distinguindo-se uns dos outros pelos falares.

21. Termo que, na raiz, remete a peça de vestuário masculino composta de paletó, calças e colete. Portanto, três elementos incluem-se aí, razão por que recebem, no conjunto, o nome *terno*.

## f) fator intimidade

O choque entre o público e o privado, entre o individual e o grupal revela-se, deixando suas marcas lingüísticas que podem ser vistas na diferença entre os termos empregados para agrupamentos de jovens amigos: grupo de amigos, bando, turma, gangue, galera, tribo, que se tratam entre si por *bró, mermão, meu, cara, mano, mano velho, véio*, entre outros. Outras formas podem ser surpreendidas em músicas, como vemos neste trecho do Rappa:

*Se der mole aos "home", amizade,  
o bicho pega  
O malandro ganhou monareta  
Uma caixa de fogos, carretel de linha  
Também uma pipa,  
Que botou no alto  
Pra avisar à massa que a cana já vinha  
A moçada, que não dá mancada  
Sentiu o aviso e pinoteou  
Pois toda favela tem sua passagem*

*Sem caguetagem jamais se dançou  
O sangue bom falou  
Se der mole aos "home", amizade,  
o bicho pega  
Pois tá na favela o olheiro  
É maneiro  
Esperto, chinfreiro e não fica na cega  
Até mulher que está barriguda  
Na hora da dura, segura e nega.*

(Rappa, "Se não avisar o bicho pega", in *Rappa*)

As formas de tratamento entre familiares sofreram uma alteração brutal. Se entre iguais havia o tratamento *Vossa Mercê*, hoje não há diferença que estranhe e não aceite um "você".

Passaram-se anos, e a Eulália teve que aceitar o Vicente do Rancho, moço de boa mão e de boa cabeça, quando ele deu os últimos repassos num piquira macaco do pai dela e entrou a cercar-lhe a mãe de carinhos e de presentes. [...]

Quando lhe deram licença de conversar com a pretendida, quis saber logo se sim ou se não podia arranjar as miudezas:

— Vancê já sabe, nha Lainha, que eu 'tou na mente de lhe pedir; alguém já lhe havéra de ter contado.

Ela avermelhou-se toda:

— É: eu sube mesmo.

— Agora vancê me diga, p'r o seu mesmo dizer, si d'aqui por dian-te eu fico no direito de falar p'ro seu velho no negócio, e também si já não é tempo de ir comprando a roupinha, a louça, a trastaria d'ña casa.

— Isso 'tá no seu querer.

— Mas vancê casa antão comigo de tuda a sua vontade, não tem nem um no pensamento?

— Não tenho, nho Vicente. Eu não incubro a idéia de casar c'o Réimundo, e ele também queria casar comigo. Agora, dês que ele fal-tou c'a promessa, eu não tenho prisão por ninguém (Valdomiro Sil-veira, "Constância", 1975).

É coisa do passado cônjuges se tratarem formalmente em público, se comparado ao que ocorre atualmente. Foi bastante comum um homem apresentar sua esposa com os seguintes dize-res: "esta é minha senhora". Em alguns textos sobrevivem esse registro, como é o caso do seguinte:

Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa da esquina. Não foi por uma semana: o batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.

Com os dias, Senhora, o leite primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, e até o canário ficou mudo. Para não dar parte de fraco, ah, Senhora,

fui beber com os amigos. Uma hora da noite eles se iam e eu ficava só, sem o perdão de sua presença a todas as aflições do dia, como a última luz na varanda.

E comecei a sentir falta das pequenas brigas por causa do tempero na salada — o meu jeito de querer bem. Acaso é saudade, Senhora? As suas violetas, na janela, não lhes poupei água e elas murcham. Não tenho botão na camisa, calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolhas? Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor (Dalton Trevisan, "Apelo", 1968).

Com a mudança social de um século, a maioria dos pronomes de tratamento formais foi praticamente abandonada. Outra alteração ocorrida nas formas de tratamento pode ser apurada na oposição senhorita/senhora, que, de acordo com Coulthard (1991), revelaria a discriminação social, pois não há essa mesma distinção para homens. Assim, os termos senhora/senhorita sinalizariam o estado civil e demarcariam o grau de disponibilidade da mulher para os homens.

O tratamento íntimo entre casais no início do século XX merecia, em público, a inclusão de palavras como "minha esposa", "minha senhora", "minha mulher". De modo diverso, embora fossem admitidos "meu esposo", "meu marido", seria mal recebida a expressão "meu homem" dita por uma mulher *direita*. Na intimidade, hoje, ainda que não mais entre quatro paredes, os casais se tratam invariavelmente por expressões carinhosas (meu bem, amor, mô, meu querido, querido etc.), ou, mesmo, pela primeira sílaba do nome dos cônjuges, conforme observaram Souza et al. (1997) em seus estudos.

Dizer "bêñção, meu pai" reflete um costume interiorano que praticamente inexiste em cidades grandes, onde as pessoas perde-

ram o costume de se encontrar, onde “tudo bem?” deixou de ser uma pergunta que exige resposta, onde “depois nos vemos” pode significar um adeus.

### Implicações derivadas da intersecção de aspectos culturais

Tendo em vista que o aspecto cultural congrega interferências diversas, inclusive dos fatores anteriormente citados, a expressão lingüística que se inicia de modo restrito em um segmento social específico pode ser incorporada (ou não) pela sociedade como um todo. Sua assimilação por outros segmentos constitui-se, para o atento estudioso da língua, caso de fortalecimento e projeção social que deve ser observado mais de perto:

[...] como é incontestavelmente a língua um fato social, bem mais sólida e inquebrantável se torna a argamassa social, cada dia a língua portuguesa, ligada para sempre à história trepidante e acidentada da pátria brasileira (Oliveira, 1957, p. 216).

Exemplo interessante é a trajetória do segmento social de sambistas nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. No início do século XX, as rodinhas de samba eram vistas com preconceito e constituíam-se alvo de perseguição policial por reunirem pessoas tidas como “desocupadas” ou “vagabundas”. Compunham esse rótulo traços recorrentes dos assíduos freqüentadores: negros, com baixa instrução, sem emprego fixo, moradores da periferia, indexados numa classe “pobre”. A partir dessas rodinhas, formaram-se as escolas de samba e os desfiles de rua em dias de Carnaval. Hoje, o desfile tido como “oficial” é vetado à classe mais “pobre”, a menos que os integrantes dessa classe participem do desfile como membro das escolas. O custo das fantasias e o preço dos camarotes torna-

ram o samba de rua excludente, dado que houve restrição à participação da camada originalmente básica nessa manifestação cultural.

A instabilidade de rótulos também pode ser observada pela história das moedas brasileiras. Por isso, estranha-se o uso de "contos"<sup>22</sup> para indicar a moeda da remota época. As alterações por que passou a vida financeira do país também fica, de certa forma, registrada nos vários momentos da língua portuguesa.

As moedas propriamente brasileiras — cunhadas no Brasil — surgiram no século XVII e, de lá para cá, muitas alterações fizeram com que os brasileiros, nossos contemporâneos, perdessem a noção de como preencher suas folhinhas de cheque. Essa dúvida é maior ainda quando se é perguntado acerca do símbolo que representa a moeda nacional (NCR\$, Cr\$, \$, N\$), haja vista as alterações constantes em apenas um século, para tratar somente do século XX.

| Cronologia | Características  | Moeda         |
|------------|--|---------------|
| 1695       | cunhadas na Casa da Moeda da Bahia em ouro e prata               | réis          |
| 1695       | passaram a circular moedas de cobre também                       | réis          |
| 1724-1727  | com valor de 12 mil-réis   | dobrão        |
| 1942       | moeda nacional   | cruzeiro      |
| 1967       | com a desvalorização, nova moeda surge com valor mil vezes maior | cruzeiro novo |
| 1970       | mudança do nome da moeda   | cruzeiro      |
| 1986       | com a desvalorização, surge moeda com valor mil vezes maior      | cruzado       |
| 1989       | com a desvalorização, surge moeda com valor mil vezes maior      | cruzado novo  |
| 1990       | mudança do nome da moeda   | cruzeiro      |

<sup>22</sup> Dez contos equivaliam a 10 mil-réis.

| Cronologia | Características   | Moeda         |
|------------|---|---------------|
| 1993       | com a desvalorização, surge moeda com valor mil vezes maior   | cruzeiro real |
| 1994       | com a desvalorização, surge moeda com valor 2.750 vezes maior | real          |

Fonte: [www.jcpaes.hpg.ig.com.br/brasil/moedabrasil.htm](http://www.jcpaes.hpg.ig.com.br/brasil/moedabrasil.htm).

No contato com textos literários e outras produções culturais brasileiras, verifica-se o registro do nome das moedas denunciando a época da narrativa e até mesmo a idade do falante:

*a menina que eu namoro  
e que me quer muito bem,  
tem um sorriso que encanta  
e vinte contos também.*<sup>23</sup>

(Quadrinha popular)

Alguns novos sentidos assumidos por uma palavra são de fato inesperados e inexplicáveis sem o auxílio da pragmática. Diversamente, observa Pisani<sup>24</sup> (1949, apud Coseriu, 1979, p. 81) que a alteração semântica manifesta-se em direção a um sentido latente da palavra, ou seja, “o novo significado que uma palavra assume está presente, como secundário, no emprego precedente da mesma palavra”. O campo semântico da palavra *namoro*, por exemplo, engloba muitos termos que têm suas nuances vinculadas à época de uso:

23. Quadrinha cantada por garotos no início do século XX, conforme Oliveira (1957, p. 242).

24. Refere-se à seguinte obra: PISANI, V., *Introduzione alla linguistica indeuropea*, Rosenberg & Sellier, Turim, 1949.

Antigamente as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia (Carlos Drummond de Andrade, "Antigamente", 1968).

Minha melhor amiga está ficando com um cara insuportável. Estou me afastando dela por causa do garoto [...] (*Capricho*, outubro de 2003).

O espaço aéreo brasileiro está sendo invadido cada vez mais pelos xavecos voadores. Silenciosos, rápidos e baratos, os torpedos são arma poderosa quando o objetivo é descolar namorado, agitar baladas, arranjar novos amigos e até colar na escola (*Capricho*, outubro de 2003).

A palavra *namoro* utilizada, nos meados do século XX, por rapazes muito jovens em quadrinhos populares certamente hoje sofreria restrição de uso em grupos de mesma faixa etária nas comunidades urbanas de São Paulo e do Rio de Janeiro, por exemplo. Essa constatação deve-se à proliferação de termos e expressões para indicar ações derivadas de relacionamento sentimental entre pessoas, tais como *fazer a corte*, *flertar*, *paquerar*, *azarar*, *namorar*, *transar*, *ficar*. Assim, alguns aspectos se conjugam para dar conta de tal restrição: sexo, idade, região em que mora, entre outros.

Os preconceitos sociais sobrevivem, na sociedade atual, disfarçados de tradição. É o que se vê, por exemplo, nas portas de banheiros, em que se preferem desenhos, letras iniciais M e H, ou, ainda,

o uso do francesismo *toilette*. Quase ninguém se atreve, dependendo do ambiente em que se encontra, a perguntar onde fica o *banheiro*, especialmente o feminino. Ao que parece, o uso desse termo constrange os falantes.

Do mesmo modo, quando palavras já conhecidas são mobilizadas pelos falantes num emprego que soa como novidade, o resultado também é o estigma alicerçado pelo preconceito. É o que vemos, por exemplo, com a palavra "tipo" e a expressão "tipo assim", as quais surgem, no panorama, vinculadas aos jovens, e logo são rotuladas de gírias:

A criação dessa linguagem especial pode não apenas atender ao desejo de originalidade, mas também servir a finalidades diversas, como, por exemplo, ao desejo de se fazer entender apenas por indivíduos do grupo, sem ser entendido pelos demais da comunidade, de onde advém o seu caráter hermético (Preti, 1984, p. 2).

Se, com muita paciência e atenção, observamos os falares de várias camadas sociais, surpreendemo-nos com o grau de inserção desses termos tidos como gírias, ainda que muitos desses falantes neguem o hábito de utilizar essas expressões.

A partir do momento em que essa linguagem especial serve ao grupo como elemento de auto-affirmação, de verdadeira realização pessoal, de marca original, ela se transforma em signo de grupo. [...] Ao vulgarizar-se, porém, para a grande comunidade, assumindo a forma de uma gíria comum, de uso geral e não diferenciado, esse vocabulário perde-se dentro dos amplos limites de um dialeto social popular, deixando, desde então, de ser signo grupal. Nesse momento, torna-se difícil precisar o que é de fato vocábulo gírio ou vocabulário popular (Preti, 1984, p. 3).

As referências a meninas bonitas ou “legais” também denunciam a época de uso: garota papo-firme, mina legal, pitchula, broto, cocota, gata, filezinho; diversamente, meninas ou moças que não se comportam adequadamente na sociedade são rotuladas das seguintes maneiras: dama,<sup>25</sup> rapariga, galinha, vaca,<sup>26</sup> a depender das variáveis sociais interferentes.

Lima-Hernandes e Spaziani (2001), inspiradas nas sugestões de Coulthard (1991), pesquisaram os usos derogatórios e mostraram que à duplidade semântica auferida a partir de nomes de animais para rotular seres humanos subjazem critérios bastante claros, governados por aspectos culturais. Dos dados analisados pelas autoras, reproduzimos, aqui, apenas os rótulos aplicáveis a mulheres e aplicáveis a homens, de modo exclusivo:<sup>27</sup>

| Conotação   | valor | exclusivamente femininos | exclusivamente masculinos       |
|-------------|-------|--------------------------|---------------------------------|
| sexual      | –     | cadela, piranha, vaca    | –                               |
|             | +     | –                        | garanhão, touro, veado, tubarão |
| caráter     | –     | víbora, jararaca         | rato                            |
| intelectual | –     | mula                     | jegue                           |
| estética    | –     | baleia                   | sapo                            |
| força       | +     | –                        | gorila                          |

25. De acordo com Silva Neto (1977, p. 11), a palavra *dama* significa meretriz na Bahia, no norte de Minas Gerais e em Goiás.

26. Para Coulthard (1991), nomes de animais são comumente designativos de indivíduos do sexo feminino para denegrir a índole, uma vez que são empregados em contextos com alta carga de apelo sexual.

27. Além desses nomes, as autoras propõem a diferenciação entre os seguintes usos derogatórios: aplicáveis a dois gêneros invariáveis, aplicáveis a dois gêneros variáveis, e aplicáveis a dois gêneros distinguidos pelo determinante.

Depreende-se daí que todos os usos exclusivamente femininos detêm valor negativo na sociedade. Observa-se, também, que o número de rótulos com valor negativo está associado, em grande parte, às mulheres. Denuncia-se, por meio dos usos, a desigualdade social entre homens e mulheres.

As crianças, hoje divididas entre crianças propriamente ditas e pré-adolescentes, costumeiramente *reinavam*,<sup>28</sup> depois *faziam travessuras ou arte*, e hoje *zoam, bagunçam, aprontam e detonam*. São as palavras denunciando a época de uso.

Conforme afirma Nigosky (2002), o mesmo dique que agrupa um grupo social o separa do restante da sociedade. Essa afirmação refere-se ao uso da gíria pelos menores infratores da FEBEM de São Paulo. Com o intuito de fazer um trabalho de conscientização lingüística, a autora mobilizou o grupo na recolha de termos empregados como gíria no interior da instituição e teve acesso a dados valiosos, alguns dos quais reproduzo aqui:

|   |                                       |
|---|---------------------------------------|
| barraco — cela  | beca — bermuda                        |
| boi — banheiro  | buti — tênis                          |
| canguru — agachar três vezes após revista dos monitores | coruja — cueca                        |
| embaçado — situação difícil                             | desandão — homossexual                |
| ferramenta — revolver                                   | espinho — inimigo                     |
| maçã — homossexual                                      | jack — estuprador                     |
| paulada — fumar uma pedra de craque                     | mosca de boi — pessoa boba            |
| peixe — falar demais                                    | papagaio — carta                      |
| pipa — bilhete (correspondência)                        | piano — impressão digital             |
| rato de mocó — ladrão de cuecas                         | pita — pessoa safada                  |
| subir — morrer  | rua 10 — o vão entre uma cama e outra |
|   | trem-bala — linchamento               |

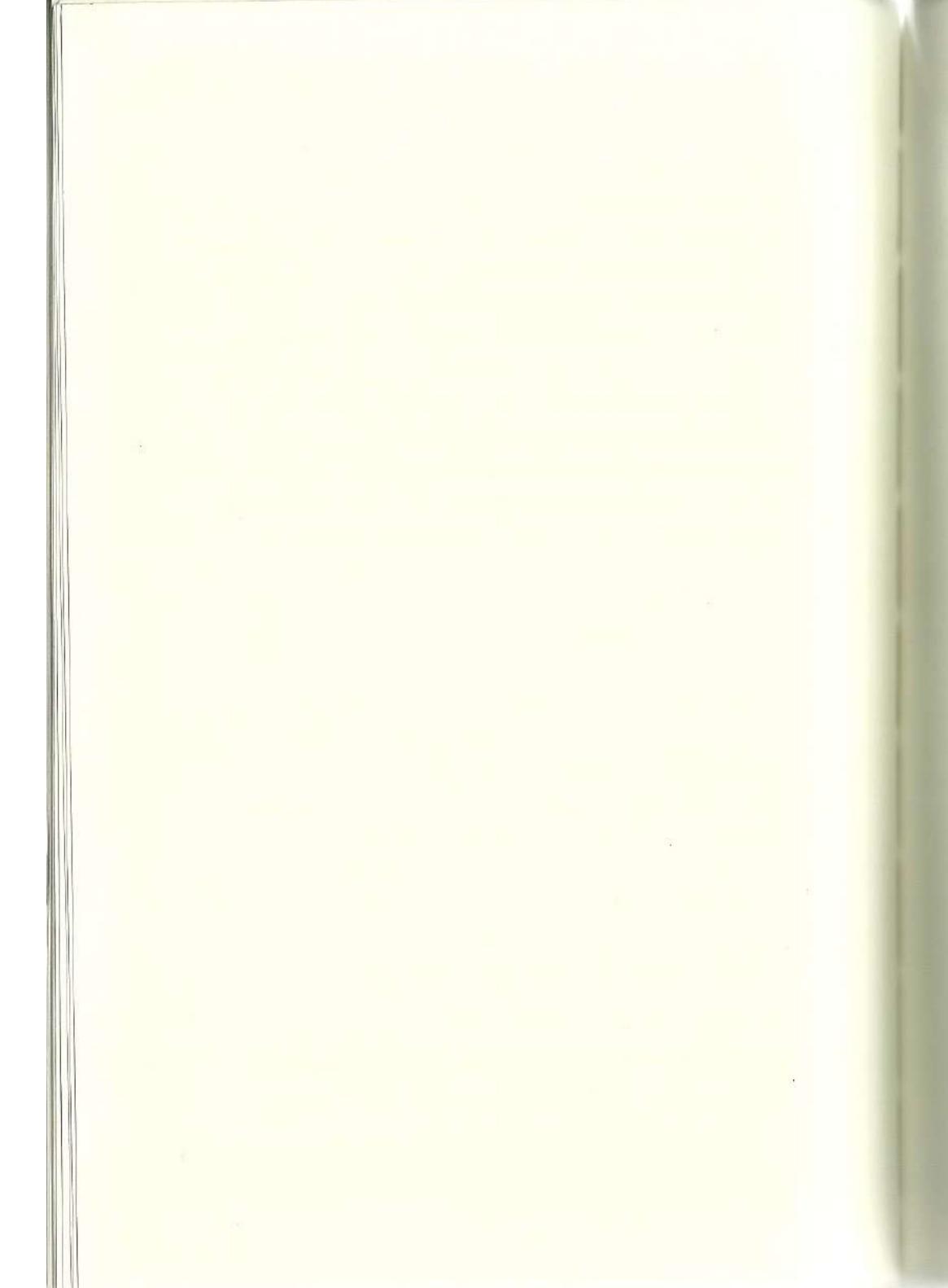
As palavras podem, então, denunciar o tipo de usuário e também revelar o tipo de ambiente em que está inserido o grupo de usuários.

28. Cf. Amadeu Amaral (apud Silva Neto, 1977, p. 175).

Algumas dúvidas se instauram imediatamente diante da desestruturação do único, do certo e do convicto: Por que não aceitar as novidades lingüísticas? Por que recusar as inovações? As respostas tradicionais facilitam todo o problema: “Porque sempre foi assim”, “Porque é tradição”, “Porque esse é o certo a fazer”.

Não há dúvida de que todos falam para ser ouvidos, para influenciar o ambiente em que se encontram, mas o falante precisa desenvolver seu grau de consciência lingüística para saber que, ao falar, também comunica a posição que ocupa na sociedade. São as diferenças embrenhando-se em meio a uma suposta homogeneidade. Essas manifestações soam como interferências na língua, entretanto mesclam-se, camuflam-se de modo a desfavorecer uma visão discreta das diferenças porque “a história da palavra [...] não forma nenhum corte nitidamente separado da história da língua, mas desliza, sem limites definidos, na história de outras palavras” (Schuchardt, apud Silva Neto, 1957, p. 353).

Essas diferenças, praticamente imperceptíveis a pessoas comuns, são alvo de interesse de lingüistas que visam à compreensão do modo pelo qual são acomodadas no sistema. Nessa perspectiva, mesmo os usos chamados gírios seguem uma trajetória que pode culminar com a inserção de um novo uso. Tais usos reparariam as valas das novas necessidades de um indivíduo ou de um grupo, razão pela qual merecem constantes estudos e profundas reflexões por parte dos estudantes de línguas.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. "Antigamente". *Diner's*, setembro de 1968, apud TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 2000, pp. 49-51.
- BRANDÃO, Sílvia F. *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- CAPELAS, Afonso & ALENCAR, Getúlio. "Cotas nas universidades públicas. Direito ou privilégio?". *Revista do Livro Universitário*, março-abril de 2003, pp. 9-13.
- CARRASCO, Walcyr. "A língua maltratada". *Veja*, abril de 1998.
- CLARET, Jacques. *A idéia e a forma — problemática e dinâmica da linguagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- COLTHARD, Malcolm. *Linguagem e sexo*. São Paulo: Ática, 1991.
- COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e lingüística geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- COSSO, Roberto. "Virgindade não é mais requisito para a anulação de casamento". *Folha de S. Paulo*, 10 de novembro de 2003.
- DIAFÉRIA, Lourenço. In: *Novos contistas*. Vencedores do VII Concurso Nacional de Contos do Paraná. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977, pp. 175-7.
- FERNANDES, Millôr. "Leite, quéqué isso?". "Caderno 2", *O Estado de S. Paulo*, 22 de agosto de 1999.
- FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.
- FREYRE, Gilberto. "O outro Brasil que vem aí" (1926). *Almanaque Brasil de Cultura Popular*, n. 44, novembro de 2002, p. 22.
- GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- HYMES, Dell. "Posfácio". In: BURKE, Peter & PORTER, Roy (orgs.). *Linguagem, indivíduo e sociedade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993, pp. 431-54.

- KOSTMAN, Ariel. "Eles têm a força". *Veja*, ano 36, n. 8, 2003, pp. 85-91.
- LIMA, Ivana Stolze. *Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia & FERREIRA NETTO, Waldemar. "Estudo contrastivo entre o português e o kamaiurá: divergências entre sistemas". In: GROßE, Sybille et al. (orgs.). *Ex Oriente Lux: Festschrift für Eberhard Gärtnner zu seinem 60. Geburtstag*. Frankfurt am Main: Valentia, 2002, pp. 277-86.
- \_\_\_\_\_ & SPAZIANI, Lídia. "Preconceitos sociais e aspectos culturais: duplicidade de semântica". In: *Anais da V Mostra de Pós-Graduação*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2001.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. "Delineando corpos — as representações do feminino e do masculino no discurso médico". In: MATOS, Maria Izilda S. de & SOIHET, Rachel (orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003, pp. 107-28.
- MILROY, James. "On the social origins of language change". In: JONES, Charles (ed.). *Historical linguistics: problems and perspectives*. Londres/Nova York: Longman, 1993, pp. 215-36.
- MITHEN, Steven. *A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.
- MOEDA NACIONAL. <http://www.jcpaes.hpg.ig.com.br/brasil/moedabrasil.htm>.
- NIGOSKY, Maria Christina. "Linguagem falada pelos menores internos da FEBEM". In: LIMA-HERNANDES, M. C. (org.). *Domínios de Linguagem I: práticas pedagógicas*. São Paulo: Disal, 2002, pp. 76-82.
- NOGUEIRA, Viviane Soares. "Autonomia prefixal e lexicalização: usos dos 'super' em blogs — registros neológicos" (monografia do curso de Morfologia). FFLCH-USP, 2003 (inédito).
- OLIVEIRA, Odilon de. "A língua portuguesa no Brasil". In: *Anais do Congresso Brasileiro de Língua Vernácula*, vol. II. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1957, pp. 215-57.
- PINTO, Oscar Bastian. "Reflexões acerca da expansão da língua portuguesa no mundo". In: *Anais do Congresso Brasileiro de Língua Vernácula*, vol. II. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1957, pp. 152-93.
- PRAXEDES, Rosângela Rosa. "Cor de segregação no Brasil". <http://www.espacoacademico.com.br/027/27rpraxedes.htm>, 2003.
- PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1984.
- QUEIROZ, Rachel de. "Óculos de grau". *O Estado de S. Paulo*, s. d.

- SILVA, Salomão Jovino da. "Educação pública: identidades em movimento". In: *Caderno Temático de Formação 1*. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. São Paulo: SME/ATP/DOT, 2003, pp. 30-5.
- SILVA NETO, Serafim da. *Manual de filologia portuguesa: história. Problemas. Métodos*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.
- \_\_\_\_\_. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1977.
- SILVEIRA, Valdomiro. *Os caboclos: contos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975.
- SOUZA, Paulo Rogério de et al. "Formas de tratamento entre casais na Zona Norte de São Paulo". *Caderno de Resumos do Cifefil*. Rio de Janeiro, 1997.
- TREVISAN, Dalton. "Apelo". In: *Os desastres do amor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.